

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas áreas de saneamento e urbanização no estado da Bahia

Salvador-Bahia, 12 de julho de 2007

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Minha querida companheira Maria de Fátima, primeira-dama,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República,

Meus companheiros ministros de Estado Waldir Pires, da Defesa; Geddel Vieira, da Integração, e Márcio Fortes, das Cidades,

Meu caro Edmundo Pereira Santos, vice-governador da Bahia,

Meu caro Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

Desembargador Benito Figueiredo, presidente do Tribunal de Justiça,

Meu caro companheiro João Henrique de Barradas Carneiro, prefeito de Salvador,

Senador João Durval,

Deputados federais Colbert Martins, Daniel Almeida, Guilherme Menezes, João Carlos Bacelar, José Rocha, Joseph Bandeira, Luiz Bassuma, Maurício Trindade, Nelson Pelegriño, Roberto Britto e Sérgio Barradas,

Companheiro Zezéu Ribeiro, coordenador da Bancada do Nordeste,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Minha querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meus queridos prefeitos da região metropolitana e de todo o estado da Bahia, Saulo Pedrosa de Almeida, de Barreiras; Fernando Antônio da Silva Pereira, de Cachoeira; Luiz Carlos Caetano, de Camaçari; Maria Célia de Jesus Magalhães, de Candeias; Orlando Peixoto Pereira Filho, de Cruz das Almas; José Ronaldo de Carvalho, de Feira de Santana; Valderico Luz dos Reis, de Ilhéus; Fernando Gomes de Oliveira, de Itabuna; Cláudio da Silva

Neves, de Itaparica; Misael Aguilár da Silva Júnior, de Juazeiro; Moema Gramacho, de Lauro de Freitas; Erenita de Brito, de Madre de Deus; Sílvio José Santana Santos, de Maragogipe; Roque Luiz Dias dos Santos, de Muritiba; João Roberto Pereira de Melo, de Santo Amaro; Humberto Augusto Rodrigues Alves, de São Félix; Antônio Pascoal Batistan, de São Francisco do Conde; Edson Almeida de Jesus, de Simões Filho; Nicandro Macedo, de Vera Cruz; José Raimundo Fontes, de Vitória da Conquista,

Demais prefeitos municipais,

Secretários de Estado aqui, da Bahia,

Secretários municipais,

Meus companheiros vereadores,

Companheiros representantes das federações de moradores aqui da Bahia,

Meus amigos da imprensa,

Meus companheiros e companheiras – tem tanto nome aqui para eu falar, que se eu falar, não vou conseguir fazer meu discurso,

Mas queria cumprimentar o Fernando Romão, da Central de Movimento Popular,

Querida cumprimentar a Maria José da Silva, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia,

Querida cumprimentar o Sérgio Bulcão, dirigente da União Nacional por Moradia Popular,

Querida cumprimentar o Ramiro Pedro Cora, dirigente da Confederação Nacional de Associações de Moradores,

Querida cumprimentar todos vocês,

E, agora, vou falar do PAC. Bem, é importante compreender que o PAC, na verdade, envolve um investimento de 504 bilhões de reais até 2010. O que nós estamos fazendo aqui, hoje, é apenas anunciando o PAC Saneamento Básico e Habitação, em que nós temos R\$ 106 bilhões para habitação e R\$ 40 bilhões para saneamento básico. Esse PAC, ele pressupõe estradas, portos, aeroportos, ferrovias, gasodutos, navios. Ele pressupõe o maior investimento já feito de forma planejada, nas últimas décadas, no nosso País.

Então, nós vamos voltar à Bahia, Wagner, para apresentar as outras

coisas do PAC. Por enquanto, nós estamos cuidando do saneamento básico. E por que estamos cuidando primeiro do saneamento básico? Primeiro, porque nós temos clareza de que no Brasil, historicamente, nunca se gostou de investir em saneamento básico. Saneamento básico não é uma obra que as pessoas gostam de fazer, porque quando você enterra um cano ou uma manilha, ela fica embaixo da terra e você não tem como colocar o nome de um parente para homenagear, como você faz numa ponte. Então, muitas vezes, no Brasil, houve uma indução a não se investir em saneamento básico.

Se vocês prestarem atenção, e os prefeitos devem acompanhar isso muito bem, de 1998 a 2001 não se investiu praticamente nada em saneamento básico no Brasil. Muitas vezes – e é importante os prefeitos atentarem para isso – o governo federal anunciava uma quantidade de dinheiro que estava disponibilizado para saneamento básico e, no final do ano, todo aquele dinheiro que estava anunciado não era utilizado. Por que não era utilizado? Não era utilizado, primeiro, porque o governo tinha uma coisa chamada “fila burra”. Essa fila burra foi inventada para que o governo não liberasse dinheiro, ou seja, se inscreviam todos os prefeitos para receber dinheiro, só que não havia uma aferição anterior para saber qual o prefeito que tinha projeto ou não. Então, se um prefeito de Salvador se inscrevesse e não tivesse direito porque o projeto dele não estava correto, porque ele estava inadimplente com o governo federal, o que acontecia? Se atrás do prefeito de Salvador tivesse um outro prefeito com tudo certinho para pegar o dinheiro, ele não conseguia pegar, porque o prefeito de Salvador não saía da fila. Foi a forma que o Tesouro Nacional encontrou de anunciar dinheiro e não liberar, para poder garantir o superávit primário neste País.

Então, nós tivemos que, primeiro, acabar com a fila burra. Ou seja, se o cidadão não tem direito, nós temos que dizer logo que ele não tem direito, mandá-lo fazer o projeto correto, com a papelada correta, e fazer entrar no lugar o segundo. Se o segundo não tiver, entra o terceiro, porque nós anunciamos o dinheiro e queremos liberar o dinheiro.

Eu queria pedir ao companheiro Jaques Wagner que é preciso constituir o Conselho Gestor do seu governo, que as prefeituras constituam os Conselhos Gestores municipais para que essas obras comecem a andar. Eu quero que vocês comecem a imaginar o que será da Bahia a partir de 3 ou 4

meses, quando esse R\$ 1 bilhão, 369 milhões começarem a aparecer, na forma de máquinas trabalhando, homens trabalhando, ou seja, a movimentação de dinheiro vai gerar emprego, que vai distribuir renda. É isso que nós precisamos fazer acontecer.

Uma outra coisa extremamente importante para os companheiros: nós fizemos um critério de justiça. O critério não é político-partidário, o critério não é político-religioso e o critério também não é político-futebolístico. Ou seja, o critério que nós escolhemos é o seguinte: os mais graves problemas sociais deste País estão nas grandes cidades brasileiras, sobretudo nas regiões metropolitanas.

Se o cidadão mora numa cidade pequena, e ele não tem esgotamento sanitário, ele ainda tem uma moitinha. Mas se ele mora numa grande metrópole, ele está morando em barracos 2 por 2, dividindo o metro quadrado com baratas, com ratos, com córregos, com encosta de morro, e a condição de vida dele vira um inferno. E ele estará muito mais próximo, pelo descrédito, pela perda da fé, pela perda da esperança e, não acreditando mais em nada, ele está muito mais próximo a achar que o crime organizado, que a bandidagem, que o narcotráfico podem ser o caminho que ele tem que seguir.

Então, nós queremos, com esse programa, não apenas levar água e coletar esgoto. É preciso que nas grandes favelas deste País – e aqui, na Bahia, vocês não chamam de favela, chamam de invasão, de ocupação, ou coisa parecida – é preciso que chegue a água, o esgoto, mas chegue também o posto médico, chegue também a escola, chegue também o centro de cultura, chegue o centro de lazer, para as pessoas sentirem que o Estado está presente. Porque se o Estado não está presente, cumprindo as suas funções constitucionais, o povo não tem por que acreditar mais em nada. Daí, o povo começa a dizer: “Não vale a pena votar em beltrano, não vale a pena votar em cicrano, é todo mundo a mesma coisa, ninguém presta”. E um setor da política brasileira gosta que o povo pense assim.

E, aí, eu queria chamar a atenção de vocês, antes de continuar no PAC. O companheiro Wagner tem seis meses de governo, já pegou uma greve de 58 dias. Vocês sabem que eu jamais serei contra a greve, porque fiz a primeira greve, depois do regime militar, e a greve me colocou numa situação... Agora, é preciso que a greve não perca a racionalidade. As pessoas não podem

querer que alguém que só tem seis meses de governo, que está ainda montando a máquina, seja obrigado a ter condições de recuperar os prejuízos que as pessoas deixaram durante anos, quando a direita governava este estado, este município e este País.

A forma mais inteligente, primeiro, é descobrir que tem um governador que também foi grevista e foi sindicalista dos bons. Segundo, é melhor sentar e estabelecer uma programação para que a gente possa melhorar o salário das pessoas, e isso jamais poderá ser feito de uma só vez, porque se for assim fica uma coisa muito complicada. Aí não tem diferença se é a direita ou se é a esquerda que está governando, se é um homem do bem ou um homem do mal, nós tratamos todos em igualdade de condições.

É preciso que a gente ajude a construir um novo padrão de relação entre o Estado e a sociedade. O povo estava acostumado com o Estado, quando fazia greve, em que o primeiro a enfrentar era a polícia. Agora, não, agora é uma mesa de negociação. Vamos sentar e vamos conversar. Vamos construir uma outra relação nesse Estado, uma relação democrática em que as pessoas passam a se gostar mesmo na diversidade, passam a se respeitar mesmo na diversidade. É preciso que a gente estabeleça esse padrão, porque senão, ao terminar o nosso mandato, a gente vai medir o que aconteceu e ficou a mesma coisa: todo mundo é tratado como se fosse inimigo, todo mundo é tratado como se fosse a mesma coisa.

Eu lembro de governadores que ganharam as eleições prometendo dar 30% de aumento, até hoje, já faz 10 anos, não deram. E pessoas boas, que por serem honestas, diziam que não podiam dar, perderam as eleições. Então, quando a irracionalidade toma conta da cabeça do ser humano, ele prefere acreditar numa grande mentira do que acreditar numa grande verdade. É melhor a gente acreditar na verdade, mesmo quando ela dói, ou mesmo quando ela é contra a gente, do que acreditar numa mentira quando é favorável e nunca vai acontecer.

A única coisa que eu peço é que as pessoas aproveitem essa oportunidade histórica. Vocês tiveram essa oportunidade em 1986, com a maior vitória que um político já teve aqui, que foi o Waldir Pires. Não vamos discutir o que aconteceu. Mas o dado concreto é que nesses 30 anos vocês governaram apenas dois anos e quatro meses, o restante, quem governou foi a

direita deste estado. Agora, vocês deram outra chance a vocês mesmos, elegeram um homem do meio de vocês, com a cara de vocês, com a cultura de vocês. Não joguem fora, tentando querer que ele faça em seis meses o que não foi feito em 20 ou 30 anos neste estado. Ajudem a construir a Bahia do sonho de vocês, ajudem a construir a Bahia de Todos os Santos.

E a você, Caetano, que está meio desanimado, eu quero dizer: “Não abaixe a cabeça não, meu filho. Não abaixe a cabeça não, levante a cabeça e lute, porque o jogo é duro”. A política no Brasil é assim, ela é dura. Aqueles que perdem querem se vingar o tempo inteiro daqueles que ganharam, e aqueles que perdem costumam começar a cobrar de quem ganha o que eles não fizeram. Só que eles não sabem que eu já estou calejado para enfrentar isso. Essas costas aqui têm muita chibatada e ficaram cascudas.

E eu aprendi uma coisa importante, gente. Wagner, um conselho de companheiro: brigue com quem você quiser brigar, mas não perca nunca a sua referência, que é esse povo mais humilde que o elege e que põe a gente. A gente tem que governar para todos, não tem que haver discriminação e tem que governar para a totalidade das pessoas. Mas a gente tem que ser que nem mãe, Wagner, e não que nem pai: a mãe não comete erros. Uma mãe pode ter dez filhos e ela vai sempre cuidar daquele que está mais fragilizado, daquele que está mais dengozinho, daquele que está mais necessitado. Os outros que estão bons podem chorar, mas ela vai cuidar daquele que precisa de cuidado. O governador não tem que governar, ele tem que cuidar do povo, dos mais pobres, das ruas e da economia do estado, porque no fundo, no fundo, Wagner, é por isso que vale a pena a gente governar.

E o PAC é um bom começo para a Bahia: R\$ 1 bilhão e 400 milhões de reais para investir em coisas importantes. As cidades escolhidas – vocês viram aqui – são as que têm maiores problemas de esgotamento sanitário e de tratamento de água potável. São palafitas, são pessoas que moram em regiões mais degradantes, mas não é apenas a região metropolitana. Vocês viram a Dilma falar do FNHIS, que vai atender programas de até R\$ 10 milhões em qualquer cidade, de qualquer tamanho. Mas vocês ouviram falar também do PAC Funasa. No PAC Funasa, Luís Alberto, são R\$ 4 bilhões, e desses R\$ 4 bilhões, nós vamos priorizar quatro coisas: a primeira é que nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável a 90% das comunidades indígenas deste

País. Segundo, nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável para 50% das comunidades quilombolas deste País. Terceiro, nós vamos priorizar as cidades com até 50 mil habitantes e entre elas vamos escolher aquelas que têm maior incidência de doença de Chagas para que a gente possa extirpar essa doença do nosso País. E no Norte do País, vamos priorizar as cidades que têm maior incidência de malária para a gente também poder combatê-la. Quando a gente tiver feito isso, eu tenho certeza de que o Ministro da Saúde e o Secretário de Saúde da Bahia vão agradecer, porque investir na qualidade da água, investir na coleta de esgoto significa investir numa coisa chamada saúde do povo brasileiro, saúde da criança brasileira.

Pois bem, meus companheiros, eu queria que vocês compreendessem uma coisa. Tem muita coisa para acontecer na Bahia, muita coisa, Wagner, não se “avexe”. Não se incomode quando os seus adversários escreverem no jornal deles “O Lula é amigo do Wagner, mas não traz dinheiro para cá”, não se “avexe”, não perca o sono, porque no governo deles eu trouxe, e se eu trouxe para o deles, muito mais eu vou trazer para o seu governo, muito mais. Esses dias, um grande jornal brasileiro fez uma manchete dizendo que o PAC privilegiava prefeituras do PT, só que esqueceram de dizer que aquelas prefeituras do PT eram de um estado que recebeu quase R\$ 8 bilhões, governado pelo PSDB. Só que esqueceram de dizer que era o segundo estado do País governado pelo PSDB, porque o presidente da República não escolhe o partido quando ele vai ajudar a cidade e muito menos interfere no resultado eleitoral. Quando nós queremos fazer investimento em uma cidade, a gente não investe por causa do prefeito, a gente investe por causa das necessidades do povo daquela cidade. O Geraldo, que foi prefeito de Itabuna, disputando com o atual prefeito, receberia a mesma coisa que o Fernando Gomes está recebendo hoje, sem nenhuma discriminação. Porque o cidadão de Itabuna que votou contra o Geraldo e favorável ao Fernando Gomes é tão importante quanto aqueles que votaram no nosso companheiro Geraldo contra o Fernando, porque nós temos que aprender a respeitar a diversidade política neste País. Nós temos que aprender a respeitar aqueles que votam a favor e aqueles que votam contra.

O PAC é muito mais do que isso e só pode ser feito porque estamos vivendo um momento singular no nosso País. Eu digo sempre – aqui deve ter

muito economista da Universidade Federal da Bahia, aliás, a Bahia, que nos deu o grande companheiro José Sérgio Gabrielli, que é o presidente da nossa Petrobras, e aqui está o nosso querido Luciano Coutinho, presidente do BNDES, um dos grandes economistas deste País, estou vendo aqui dirigentes sindicais – e poderia dizer para vocês: há poucos momentos, na história do Brasil, em que a gente teve a chance de viver o momento que estamos vivendo.

Veja, a economia está totalmente equilibrada, a economia está crescendo, a massa salarial está crescendo, a renda dos pobres, por todas as pesquisas, seja da PNAD, do IBGE, está crescendo. Ao mesmo tempo, a inflação está controlada. Não devemos nada ao FMI, que nem põe mais os pés aqui. Não devemos mais ao Clube de Paris. Antigamente, a gente tinha que sair todo dia correndo para Washington, para conseguir pegar uns dólares. Hoje nós temos quase 160 bilhões de dólares de reserva neste País. Nós crescemos as exportações a cada dia. Nesse primeiro semestre, meu caro Nelson, nós geramos 1 milhão de empregos com Carteira Profissional assinada. É pouco, diante do que nós precisamos, mas a gente não pode apenas comparar os números com o sonho, a gente tem que comparar o que aconteceu neste País com os últimos 10 anos.

Portanto, o Brasil está preparado e o PAC só pôde acontecer por isso, porque a Casa está arrumada, os móveis estão no lugar, a comida está esquentando no fogão, o povo não pode mais viver aquele momento de baixa estima, em que nada ia dar certo, em que tudo dava errado. Nós temos que acreditar que o Brasil, hoje, não depende mais do estrangeiro, não depende mais do FMI. O Brasil, hoje, depende apenas da nossa capacidade, depende apenas de nós, brasileiros, dos prefeitos das cidades, do governador do estado e do presidente da República. É por isso que nós começamos a tratar o povo da forma que nós entendemos que o povo precisa ser tratado. Esse PAC é apenas a primeira experiência, é apenas a grande primeira experiência de um modelo de desenvolvimento que nós queremos fazer.

O Wagner estava falando do Luz para Todos, e eu queria contar uma história para vocês. O planeta Terra tem, se você pudesse medir o planeta Terra, ele tem 40 mil quilômetros. Se você medir toda a circunferência, são 40 mil quilômetros. O programa Luz para Todos, Wagner, até agora já utilizou

quase 500 mil quilômetros de cabos. Portanto, nós já colocamos de fio, neste País, uma quantidade que daria para enrolar a Terra quase 12 vezes. Nós já colocamos quase 3 milhões de postes, já colocamos quase 400 mil transformadores e, por conta disso, já se comprou mais de 480 mil televisores, geladeiras, liquidificadores. E nós vamos continuar fazendo, porque a nossa meta, até o ano que vem, é chegar a 12 milhões de pessoas atendidas com o Programa Luz para Todos. E eu sei que não vai acabar, porque tem mais gente pobre construindo mais casas, e nós vamos ter que levar lá.

Sabe quanto custa uma ligação na Amazônia? Cinco mil reais. Sabe o que são 5 mil reais, Nelson? Dois mil e quinhentos dólares. E nós fazemos de graça, o cidadão não paga nada, e ainda colocamos três bicos de luz e colocamos três pontos para ligar a geladeira, rádio, e outras coisas mais. E, se vacilar, a gente manda uma musiquinha educando as pessoas a como utilizar a energia corretamente. E nós fazemos isso sem abrir mão de que tem outras coisas para fazer.

O investimento que nós vamos fazer na educação, agora, com o Programa de Desenvolvimento da Educação, será uma revolução na educação brasileira. E no governo acabou aquele conceito de que vamos gastar com a educação. Nós não vamos gastar com a educação, nós vamos investir no futuro deste País, vamos investir nas nossas crianças, nos nossos adolescentes, na nossa juventude, no nosso educador, nos nossos cientistas. É preciso que a gente assuma a responsabilidade de fazer com que o Brasil não jogue fora a oportunidade que jogou fora no século XX e que a gente se transforme, definitivamente, numa grande economia.

Ao prefeito João Henrique, aos prefeitos das cidades da região metropolitana, ao governador Jaques Wagner, e aos companheiros de Salvador e da Bahia, eu queria dizer o seguinte: meus companheiros, chegou o momento em que a gente precisa colocar o desânimo embaixo do tapete ou jogar fora. Não há mais espaço, Wagner, para a gente desanimar. Eu queria te dar um conselho que eu aprendi, e você viveu comigo isso: quando você levantar, porque tem dia que a gente levanta de manhã achando que não vale a pena viver, Wagner, eu sei que você estava chateado porque você foi no “Dois de Julho” e os professores te vaiaram, eu sei que gente fica chateado. Eu fico chateado, Walmir, quando os companheiros reivindicam a reforma agrária

– eu acho justa a reivindicação –, mas não reconhecem o que nós já fizemos. Eu acho que a gente precisa fazer um balanço: eu quero mais, mas eu tenho que reconhecer o que já aconteceu. Porque senão, eu não politizo a coisa, senão, eu aposto na desinformação.

Eu queria te dizer, companheiro Wagner, quando você levantar “acabrunhado”, tem dia que a gente levanta “acabrunhado”, levanta esmorecido com uma crítica no jornal. Não leia jornal de manhã, viu, tome café primeiro, vá trabalhar e, quando o sangue tiver quente, você pode ler o jornal. Depois, não se preocupe, Wagner, em ler notícia ruim, porque notícia ruim você vai ouvir do motorista, quando chegar no Palácio, você vai abrir a porta e já tem um cara para te dar notícia ruim, porque eu não sei como tem tanta gente que gosta de dar notícia ruim. Um outro conselho que eu queria te dar, Wagner, é que não permita que nenhum assessor te ligue depois das 10 horas da noite para te dar notícia ruim: “Wagner, vai sair no jornal uma matéria contra você”. Deixa isso aí. Não perca uma noite de sono por isso, meu Deus do céu. Não fique com azia, porque isso mata. Você precisa estar tranqüilo para governar, maduro.

Então, quando você estiver “aperreado”, me ligue. Se eu não puder lhe ajudar, pelo menos notícia ruim também não vou lhe dar. Não tem coisa pior. Um dia me liga uma companheira às 3 horas da manhã dizendo que tinha morrido um companheiro. Ela acabou de dizer “morreu um companheiro”, e eu falei: e daí? O que eu vou fazer às 3 horas da manhã? Eu vou ter que esperar chegar às 8 horas, porque não me avisou às 7 horas? Aí eu fiquei sem dormir até as 8 horas. Então, Wagner, quando você estiver assim, sempre me ligue, que haverá um bom conselho. Agora, quando o meu conselho também não prestar, saia andando pela rua e comece a perguntar para o povo as coisas pois, certamente, na sabedoria anônima do povo brasileiro, ele vai saber dizer as coisas boas que você precisa fazer para este estado, para esta cidade e para este País.

Meus queridos companheiros, quero comunicar a vocês que a dívida do cacau vai ser prorrogada até dezembro. Mas eu não me contento com isso, porque esse negócio do cacau, vira e mexe, é que nem sarna: resolve um ano, no outro ano dá problema. Nós precisamos, companheiro Wagner, resolver definitivamente esse negócio do cacau. Nós vamos sentar para discutir e vamos tentar resolver esse negócio definitivamente, da mesma forma que

vamos terminar o projeto Salitre, lá em Juazeiro, para que a gente comece a produzir de verdade, e vamos também terminar o Baixio de Irecê. Esses dois projetos de irrigação são de extrema importância para a Bahia e nós vamos terminá-los, Walmir, para você perceber que a agricultura agora vai “bombar” também na pequena propriedade, na média propriedade e na agricultura familiar.

No mais, meus companheiros, podem ficar certos de que eu voltarei muitas vezes à Bahia. Eu espero que o Wagner não me chame aqui só para trabalhar e para pedir dinheiro, mas me chame também para descansar uns dias.

Um abraço e que Deus abençoe todos vocês.